

Longevidade e Plenitude da Vida



O artigo de abertura da edição de nº 41 da REVISTA PORTAL DE DIVULGAÇÃO, *Representações da envelhecimento em peças publicitárias e suas interinfluências na construção de subjetividades de pessoas em processo de envelhecimento* tem como ponto de apoio a questão “Quais discursos se articulam na produção da envelhecimento nos fenômenos midiáticos como peças publicitárias?”

A investigação, que buscou resposta à indagação, utilizou como técnica o grupo focal, na análise de “dez peças publicitárias (propagandas/comerciais) veiculadas na mídia televisiva nos anos de 2010, 2011 e 2012 em, pelo menos, duas emissoras da TV aberta”, nas quais os personagens eram pessoas com cinquenta anos e mais. Ao final, ficou constatado que essas representações sociais, construídas pela mídia, estimulam o consumo no e do “padrão jovem”, alimentando o preconceito em relação a aparência, comportamentos e necessidades dos mais velhos.

Essas reflexões iniciais abrem caminho para outra questão: a “cultura do consumo”, na qual vivemos, cria sempre novas necessidades para todas as idades e condições sociais. Como a divulgação do “padrão jovem”, em mídia aberta, atinge os idosos mais fragilizados - física, emocional e economicamente?

Somos construtores e constructos de cultura narcísica, na qual predomina o “eu” e não o “nós”; o “ter” é mais que “ser”; o forte sempre leva a melhor; e a

aparência - beleza e juventude – se sobrepõe a outras qualidades. Nela, as “margens” – pobres, velhos, minorias – é mais ampla que o “centro”, mas que, ironicamente, recebe sempre maiores investimentos.

Vivemos um acelerado longeviver, como se pudéssemos dele fazer o paraíso da eterna juventude. A realidade é que vivemos mais. Almejamos uma vida longa, com boa qualidade para os muitos anos que se anunciam, após a marca legal dos 60 anos. Como alcançar este patamar de vida digna e solidária, quando a sociedade, como um todo, não o é? Existem políticas públicas dirigidas aos grupos das “margens”? Sim. Por que persistem as desigualdades, diferenças, injustiças na ação?

O artigo *Políticas Públicas, Envelhecimento e Alzheimer: Contextualização dos Marcos Legais* analisa esses temas, e avança ao destacar a atenção aos portadores de Alzheimer - causadora de fragilidade maior – agora objeto de documentos oficiais. No entanto, como afirma a autora, “apesar dos muitos avanços com relação às políticas públicas, garantidoras dos direitos sociais dos idosos, ainda há muito a ser trabalhado para que as leis saiam do papel, sejam efetivadas na prática e plenamente acessadas pelos idosos”. Eis uma, entre outras, respostas à nossa questão.

Outra resposta poderia ser: não existe apelo de consumo a esta população. É como se não existissem!

As políticas públicas surgem em diferentes documentos institucionais, mas sua aplicação efetiva é tímida, frágil e, muitas vezes, ineficaz, até por conta da falta de compromisso de muitos profissionais que atuam na área pública à esses que estão nas “margens” e que são pagos por todos nós para, justamente, melhorar as condições desses grupos. A estabilidade de um trabalho garantido para a vida toda pode ser outra resposta à nossa questão que, somada à impunidade, apresentam como resultado um serviço público muitas vezes desumano. Fora a já tão falada falta de estrutura em quase todas as áreas e a ausência de controle social, explicada muitas vezes pela descrença do sistema de representatividade tal qual conhecemos hoje.

Vivemos no mundo das ideias que oscilam entre o conceito de “envelhecimento ativo” – campo reduzido ao consumo e ações midiáticas - e do “envelhecimento passivo”, sem “charme” e excludente, que o torna como que invisível. O passivo aqui não significa não-participativo. Ressaltamos que este envelhecimento passivo não se associa apenas às fragilidades, mas ao que podemos denominar de “velhice contemplativa”, uma escolha consciente de despojamento ante demandas que alguns já não querem responder.

Muitos dirão: mas isto não é saudável! Escutemos os velhos lúcidos, sabedores de si e dos caminhos trilhados, e essa ideia do que seja envelhecimento saudável terá outra compreensão. Vivemos e envelhecemos como indivíduos únicos, em possibilidades, recusas e desejos.

É certo que o processo de envelhecimento humano tem um curso inevitável, e passamos do estágio ativo para o passivo, ou contemplativo, e deste, em muitos casos, ao fragilizado e dependente.

A palavra “ativo” virou sinônimo de atividade física, de saudável, de movimento, sempre ligado ao corpo, mas não ao exercício de cidadania, muito menos ao exercício de autoconhecimento. Investe-se em academias a céu aberto, mas não em educação continuada nem em segurança social e nem ainda em aprender a partir.

Nesta edição os artigos: *Idosas cuidadoras de pacientes jovens: relações intergeracionais nos Cuidados Paliativos; Filhos cuidadores: ocorre para quem a quebra do espelho? O velho e os outros: memória, cuidado e qualidade de vida*, se aliam à reflexão *Doença de Alzheimer: o cuidado no diagnóstico*, remetendo ao tema Cuidar sob diferentes perspectivas.

Fomos cuidados quando crianças; cuidamos de filhos, e hoje, cada vez mais de netos e familiares idosos, e seremos cuidados um dia. Cuidar faz parte de nosso ciclo como humanos, mas diante da fragilidade sentimo-nos, muitas vezes, impotentes.

Como é difícil cuidar! Como é difícil ser cuidado! E era uma tarefa até pouco tempo atrás cotidiana, simples. Mas o mundo ficou complexo, as famílias diminuíram, foram nascendo cada vez menos crianças e aumento cada vez mais a expectativa de vida. O simples se “complexificou” ao ponto de hoje falarmos da necessidade de se desenvolver uma “cultura do cuidado em resposta à revolução da longevidade”, como assinala a “[Declaração do Rio](#)”, documento concebido por profissionais e instituições que trabalham com e para os idosos, durante o Fórum Internacional World Demographic Association (WDA), em outubro de 2013.

Perguntamos: quando se deixou de se desenvolver o cuidado? Ou ele nunca esteve presente em nossa cultura? Ou a “cultura do cuidado” é mais bem dirigida àqueles que deveriam cuidar e não estão cuidando?

Nos artigos citados o cuidado está presente, invertem-se, muitas vezes, os papéis esperados como “naturais” – filhos cuidadores de pais idosos – para o da mãe idosa cuidando de seu filho adulto dependente; idosos cuidando de mães, pais, ou outros familiares mais longevos, casos cada vez mais presentes.

As políticas públicas foram elaboradas na ideia de cuidar, proteger, amparar. Textos precisos, belas palavras que exprimem conceitos de comprometimento com o outro. E as ações? Os profissionais conhecem bem a teoria, mas a prática é distante, sem envolvimento, ou “condescendente” na pretensa delicadeza. Nas famílias também se observa certo “descuido”, muitas vezes por impaciência, falta de tempo, de dinheiro, mas, quantas vezes, de desconhecimento por falta de orientação.

Contexto no qual se insere a reflexão *Doença de Alzheimer: o cuidado no diagnóstico*, pois como indica a autora:

[...] uma pessoa com Doença de Alzheimer requer o conhecimento de “como fazer” e suporte estratégico, emocional e institucional. Mobiliza no cuidador sentimentos diversos e opostos, em espaço de tempo curto, sentimentos estes que, somados ao desgaste físico e emocional, evidenciam uma sobrecarga física e emocional.

Como pano de fundo dessas questões, existe um “fantasma” – o medo de envelhecer! Questão base da reflexão de *Síndrome de Gerontofobia, o que é isso?* A gerontofobia poderia ser explicada pela recusa social à figura do velho; a falta de apoio familiar e institucional; à falta de solidariedade? O medo permeou a vida desde os primórdios de nossa caminhada humana, foi motor do desenvolvimento material e cultural. Hoje, ante uma vida mais longa, parece que não sabemos como enfrentá-lo e superá-lo e, assim, o recusamos.

A esperança estaria no processo de educação natural e inclusiva, nos vários níveis, na construção de uma sociedade para todas as idades, e a possibilidade de uma compreensão alargada do que é viver e longeviver? O exemplo de solidariedade trazido em *Uma família para quem não tem família* traz uma ponta de esperança, no relato sobre o trabalho realizado para o povo de rua pelas casas de acolhimento da Missão Belém.

Todas estas questões se encontram na resenha do livro *A solidão dos moribundos* expostas em *Algunos problemas sociológicos del envejecer en Norbert Elias*.

Esta edição se completa com o dossiê *Aprender a metamorfosear*, organizado e apresentado pelas Profas. Dras. Bernadete de Oliveira e Irene Gaeta, desenvolvido a partir das experiências vividas no curso de Especialização em Psicogerontologia. Afirmam as autoras:

Durante o módulo os profissionais trocam experiências e ampliam seus olhares, ao encontrarem aporte teórico que os levam a uma reflexão aprofundada sobre suas práticas. Essa abordagem é inquietante e desafia o profissional, que lida no dia a dia com a população idosa, a qualificar e inovar em suas práticas, com entusiasmo e criatividade. Neste sentido, a proposta metodológica de escreverem sobre suas práticas, faz com que eles aprendam a metamorfoseá-las à luz de conhecimentos adquiridos no Curso.

A partir das leituras dos diferentes, e complementares, artigos apresentados nesta edição, compartilhamos com os leitores o que Pessini e Bertachini¹ (p.1) escreveram, a fim de se refletir, promover, divulgar possibilidades de cuidar melhor, não só do outro, mas de nós mesmos, abrindo espaço à cultura da longevidade e à plenitude da vida:



Passamos por uma profunda crise de humanismo. Em escala mundial, presenciamos grandes transformações em várias instâncias, tais como econômica, política, desenvolvimento tecnológico, direitos e deveres dos cidadãos, funções familiares, saúde e sobrevivências de muitos povos entre outras. Da globalização excludente seria possível passar à globalização da solidariedade? O que está acontecendo com as pessoas? Onde está o humano? O simples estar com o outro, a compaixão, a tolerância, a solidariedade se tornaram valores descartáveis que contam pouco ou nada? Até quando?

Boa Leitura!

Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras

¹ Ver PESSINI, L; BERTACHINI, L (orgs.). *Humanização e cuidados paliativos*. Edições Loyola, São Paulo, 2004.